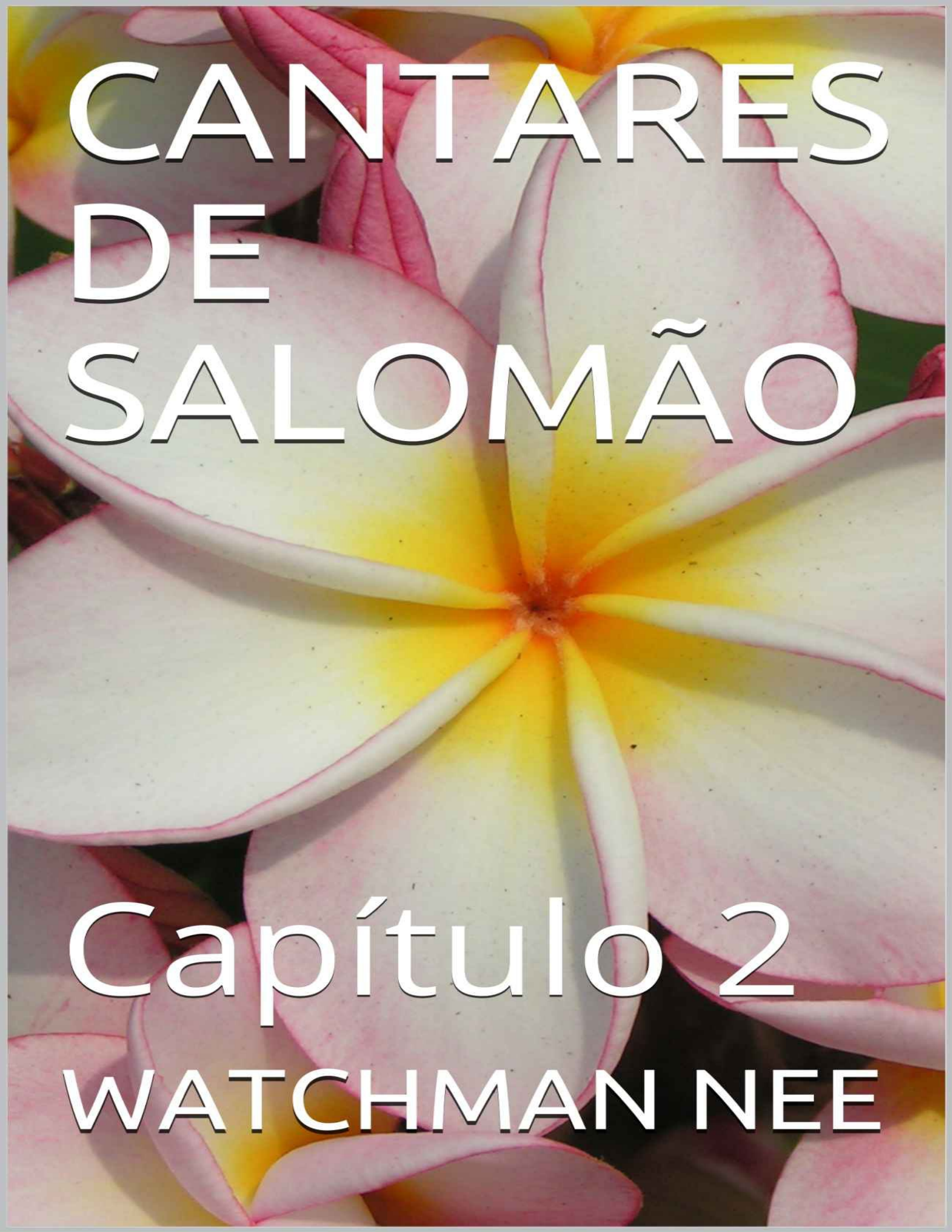

CANTARES DE SALOMÃO
Capítulo 2
WATCHMAN NEE

CANTARES
DE SALOMÃO

Capítulo 2

Watchman Nee

Prefácio

Watchman Nee deu estas mensagens em 1934, na China. Um dos obreiros que lá estavam guardou as anotações que, em 1945, foram publicadas.

No presente e book está apresentado o conteúdo referente apenas ao capítulo 2 do livro de Cantares de Salomão.

Continuação

O versículo 2:1 diz: “Eu sou a rosa de Sarom, o lírio dos vales”. Esse versículo vem imediatamente depois do versículo 1:17. Essas palavras não são proferidas pelo rei, mas, sim, pela donzela. Se tivessem sido proferidas pelo rei, seriam de difícil interpretação. Se fossem as palavras do rei, não fariam sentido que a seguir, no versículo seguinte, ele dissesse que a donzela é um lírio.

Sarom está nas planícies e uma rosa pode ser considerada uma espécie de lírio, uma espécie de planta silvestre desprezível na terra da Judeia. O lírio dos vales é comum e simples. É o lírio dos vales e não o lírio das floreiras. Desse fato, podemos concluir que é uma flor que não é o homem quem a cuida, mas Deus.

A donzela reconhece que ela é a rosa de Sarom e o lírio dos vales porque o rei a louva (versículo 1:15). Nos versículos 1:16 e 17 ela louva ao rei e por outro lado menciona o descanso. Ela se menciona a si mesma como uma rosa do deserto e um lírio dos vales. Isso significa que ela não tem valor em si mesma, mas sabe que é uma pessoa cuidada por Deus e, isso sim, tem valor.

IX – A resposta do rei: 2:2. O versículo 2 diz: “Qual o lírio entre os espinhos, tal é a minha querida entre as donzelas”.

O rei diz que ela, na verdade, é um lírio, mas não em contraste com o que há nos vales, e, sim, em contraste com os espinhos. Isso significa que a donzela é um lírio enquanto que as demais são somente espinhos. Segundo a Bíblia, os espinhos representam duas coisas: em primeiro lugar, se referem à vida natural do homem, depois da queda de Adão. Dizemos isso nos baseando em Gênesis 3:18. Ali os espinhos crescem sozinhos e não são produzidos como resultado de uma semeadura. Outra base para dizer isso é Êxodo 3, o capítulo onde a sarça que ardia no fogo e não se consumia é mencionada. O fogo e a luz não surgiam da sarça, mas sim de Deus. Deus usou a sarça, mas não lhe causou dano algum. Isso dava a entender que Deus usaria Moisés para disciplinar aos israelitas e aos gentios de acordo consigo mesmo e não segundo a vida natural do homem. Um testemunho verdadeiro não tem como base as obras do homem senão as de Deus. Deus não usou nada que tivesse origem em Moisés. Usou apenas aquilo que procedia Dele mesmo.

Em segundo lugar, os espinhos representam aquilo que brota da esfera natural, o que resulta do pecado e do eu natural. Isso é tipificado em Mateus 13:7. Os espinhos de Hebreus 6:8 representam o fruto da vontade do homem cujo destino é ser queimado.

A palavra “donzelas” está no plural. Elas não são as filhas de Jerusalém. O Senhor considera lírios aqueles que O seguem, mas não aqueles

que nascem do pecado. O Senhor declara que se diferenciam dos que vivem no pecado. Elas, apesar de estarem rodeadas de vidas pecaminosas e de uma vida natural, são diferentes. São as que têm fé, os lírios. Ao mesmo tempo, sugere que esses são os sofrimentos que uma pessoa que busca suporta em meio das circunstâncias naturais e de um viver pecaminoso ao seu redor.

X – O louvor e o deleite da donzela: 2:3-6. O versículo 3 diz: “Qual a macieira entre as árvores do bosque, tal é o meu amado entre os jovens; desejo muito a sua sombra, e debaixo dela me assento; e o seu fruto é doce ao meu paladar”.

Agora é a vez da donzela para tecer uma comparação entre o rei e os pecadores. O termo “os jovens” é uma alusão a tudo aquilo que cativa nosso coração, tudo o que é desejável (Gênesis 3:6). Tudo o que cativa nosso coração e tudo aquilo que o crente deve afastar seu coração. Note as palavras “macieira entre as árvores do bosque”. Na língua original, a macieira é uma bergamoteira, uma árvore de folha perene, cujas folhas não caem no inverno. Externamente se parece com a romã e seu sabor é como o da laranja ou do limão.

Os jovens são comparados com árvores comuns, enquanto que o amado tem três características. Primeira, pode chegar a ser um bosque. A ênfase recai sobre a madeira, dando a noção de altura. Segunda, sua sombra nunca falta. Conserva seu verdor e por isso nos provê de sombra continuamente. E terceira, ele dá frutos.

Muitas árvores são verdes, mas não dão fruto.

O amado, então, é alto, nos dá sombra e é frutífero. A donzela se dá conta de que o Senhor é o todo em todos. Anteriormente ela se havia dado totalmente ao Senhor, mas agora ela declara seu testemunho.

Essas são as palavras que saem da sua boca, o que ela proclama publicamente a todos os homens. Ela não apenas reconhece que Ele é o vinho, senão que elogia o próprio vinho. Nesse momento, nada, nem ninguém, pode roubar seu coração.

Na igreja, onde, antes, uns diziam ser de Paulo e outros de Apolo, agora, já não há mais divisões, que, na verdade, não passam de obras da carne (1 Coríntios 3:3,4).

Agora o Senhor tem enchido sua visão.

“Me assento” pode ser traduzido por “me deleito”. Sentar-se à sombra do Senhor significa ser exaltado. Também tem o sentido de ser arrebatado. O crente se regozija ao sentar à sombra do Senhor, o que dá a entender que se sente como se fosse levado à sua presença.

A sombra está em contraste com o brilho do sol e nos lembra do capítulo 1 versículo 6. Aqui faz referência ao descanso (Salmo 91:1). Seu fruto foi doce. Comer em Cantares 2:3 difere de comer em 1:12. Ali a ênfases se faz no Senhor mesmo enquanto que aqui o fruto se refere ao que a vida e obra do Senhor obtiveram para nós, a saber, a justificação, a santificação, a paz e a vinda do Espírito Santo.

Por um lado, ela se regozija na presença do Senhor e por outro desfruta daquilo que Ele adquiriu para ela em sua presença.

Cada vez que provamos desse fruto, comprovamos que é doce ao nosso paladar. O versículo 1:4 fala de correr após o Senhor, enquanto que o 1:8 fala de segui-lo. É possível que em 1:12-14, ela esteja sentada, mas sua postura não está descrita. Em 1:16, 17, não está especificado nenhum verbo. Mas, no que lemos no versículo, 2:3, vemos que ela se sentou, como é devido, para desfrutar da sua presença. Parece que sua condição é reconhecida oficialmente. Em 1:16,17, ela já descansava, enquanto que nesse versículo (2:3), é apenas um anúncio oficial daquilo que ela já desfrutava e tinha já adquirido em 1:16,17. A verdadeira história se encontra em 1:16,17, enquanto que este versículo (2:3) é a narração dos fatos.

O versículo 4 diz: “Leva-me à sala do banquete, e o seu estandarte (bandeira) sobre mim é o amor”.

A sala do banquete pode ser traduzida por sala do vinho. É o lugar onde alguém pode desfrutar, à vontade, tudo o que quiser. O rei a trouxe aqui, e essa é a segunda vez que ele a conduz a algum lugar.

A primeira vez se acha em 1:4. O deleite que se tem no fruto e na sala do banquete é um pouco diferente do deleite que se tem à mesa do rei.

A sala do banquete é o lugar onde alguém atende os convidados, onde predomina o gozo. Uma vez que uma pessoa se consagra e passa pelo caminho da cruz vendo tudo o que o Senhor conquistou para ele,

espontaneamente é conduzido para a sala do vinho. Em outras palavras, o rei nos leva para as suas câmaras com o propósito de nos dar uma revelação e nos leva para a sala do vinho com o propósito de nos dar gozo, o gozo de sua presença.

Sua bandeira sobre mim é o amor. Isso significa que seu amor, tal qual a bandeira, se desdobra sobre nós. Ou seja, todo o assunto está relacionado com o amor.

Uma bandeira mostra aquilo que alguém faz. É uma espécie de lema. Nossa bandeira é o amor, o que significa que tudo o que fazemos está baseado no amor.

O versículo 5 diz: “Sustentai-me com passas, confortai-me com maçãs, pois desfaleço de amor”. A palavra confortar pode ser traduzida por reanimar. Estar desfalecendo de amor é estar satisfeito até o extremo; é como aconteceu com o senhor Moody, que estava tão cheio de gozo que não podia suportar mais e teve que pedir ao Senhor que parasse.

Esse versículo é principalmente um chamado à moderação. É bom estar na presença do Senhor, mas temos visto que quando os santos do passado tinham uma experiência que os inundava caiam como mortos. Esse versículo nos diz que a donzela desfruta mais do que aquilo que pode suportar. Nossa capacidade tem só certa medida para desfrutar ao Senhor. Devemos pedir ao Senhor para que aumente nossa força, a fim de que possamos desfrutar mais dele. Do contrário, quando recebermos muito, nossa capacidade limitará aquilo que poderíamos desfrutar.

Os vasos de barro não têm muita capacidade, por isso é necessário receber do Senhor mais força para aumentar nossa capacidade de desfrutar.

O versículo 6 diz: “A sua mão esquerda esteja debaixo da minha cabeça, e a direita me abrace”. Sua mão esquerda esteja debaixo da minha cabeça indica que ele levanta a cabeça da donzela para ela o contemple. A posição mais natural de abraçar a alguém é abraça-lo com a mão direita. Aqui não se enfatiza a proteção com poder, senão o apoio íntimo. Dito de outro modo, depois que alguém desfrutou o amor do Senhor, continua necessitando o apoio de sua graça.

XI – O mandato do rei: 2:7. O versículo 7 diz: “Conjuro-vos, ó filhas

de Jerusalém, pelas gazelas e cervas do campo, que não acordeis nem desperteis o amor, até que este o queira".

Em algumas versões aparece a palavra gazelas, em outras o termo corços, mas nenhuma difere a palavra cervas. Segundo o contexto, a palavra amor deve se referir à amada. A expressão "conjuro-vos" está no modo imperativo, o que expressa o tom de ordem do rei.

O livro de Cantares de 1:2 a 2:7 constitui uma seção de experiências espirituais. Assim, o Senhor faz que a donzela tenha uma pequena pausa. Nesse momento, a pessoa chegou à etapa que deveria ter chegado, mas não de uma maneira espetacular, senão tranquila e segura.

Ela saiu das câmaras e entrou na casa do vinho. Nesse momento, o crente chega sem nenhum obstáculo à casa do vinho e o Senhor lhe pede que se detenha por um momento.

As filhas de Jerusalém se encantam com tudo que é espetacular e se comprazem em se intrometerem em muitas coisas. Portanto, o Senhor lhes diz para que não despertem à donzela.

As gazelas e as cervas são, por natureza, animais que se assustam com facilidade. O rei dá a ordem para as filhas de Jerusalém porque a donzela está desfalecida de amor. Não há necessidade de estimulá-la mais. Ela pode ter um breve recesso. Ela está nas mãos do Senhor e não há necessidade de despertá-la. Se outros tratam de interferir, isso não será de ajuda para ela. Ela precisa descansar por um pouco de tempo e esperar que esse período finalize, antes de empreender uma segunda busca. Não a despertem. Esperem que ela mesma se levante. Não pensem que ela está fechada em sua alma e que necessita de ajuda. É ali aonde as lições a tem levado e agora é preciso que haja uma pausa. O amor alcançou seu ponto mais alto. O rei está presente. Portanto, devemos calar (Habacuque 2:20). O Senhor descansará em seu amor (Sofonias 3:17). Isso significa que Ele nos amará em repouso.

Conclusão: primeiro, a donzela vê a cruz no primeiro capítulo, mas não vê a vitalidade e o poder da ressurreição. Segundo, o perigo da primeira seção é cair na complacência da relação íntima. Terceiro, ela ainda não entende o significado da consagração nem da obediência de tomar a cruz porque ainda não passou pela prova. Ela ainda não tomou a cruz de uma maneira prática

nem seguiu pelo caminho da cruz. Quarto, existe outro perigo. Ainda que ela viu o erro de se sentir muito segura, ainda não descobriu que o Senhor da obra é maior que a própria obra. Ainda que ela tenha se dado conta que é errado guardar outras vinhas, continua pensando que é muito importante guardar a sua própria vinha. Quinto, também existe um vazio. Durante todo esse tempo, ela viu quanto vale o Senhor para ela, mas não compreendeu qual é a posição que ela deveria tomar diante do Senhor. Em outras palavras, ela se deleitou no fruto da obra dolorosa do Senhor, mas não permitiu que o Senhor desfrute dos resultados de seus sofrimentos. Isso significa que ela ganhou muito do Senhor, mas o Senhor ainda não ganhou a ela. Seis, na primeira seção, somente Cristo é meu, mas eu ainda não sou dele.

3

O chamado para ser libertados do eu

Essa parte vai do 2:8 a 15. Nesta seção não são mencionados nem os pecados nem as faltas da donzela. Nela nós podemos ver as etapas que tem que experimentar uma pessoa em sua vida espiritual. A donzela tem os seus defeitos, e, nesta seção, vemos aquilo que ela deveria ter obtido, mas que não conseguiu.

A – O poder da ressurreição: 2:8,9. O versículo 8 diz: “Ouço a voz do meu amado; ei-lo aí galgando os montes, pulando sobre os outeiros”.

Ela fica alegre ao escutar a voz do seu amado e se compraz no gozo de sua presença, mas ainda não segue a voz do seu amado nem demonstra uma verdadeira obediência.

O versículo 9 diz: “O meu amado é semelhante ao gamo, ou ao filho da corça; eis que está detrás da nossa parede, olhando pelas janelas, espreitando pelas grades”.

Em algumas versões aparece a palavra gazela em lugar de corça. A

única passagem onde o Senhor é associado com um corço está no epígrafe do salmo 22, onde aparece o termo “corça da manhã” ou “corça da alva”. Todos os eruditos bíblicos concordam que esta é a manhã do primeiro dia da semana quando Cristo ressuscitou.

A alva é o começo do dia, enquanto que a ressurreição é o começo de um dia novo. É o ponto de partida da vida espiritual de uma pessoa e é representado pelo novo dia. Os versículos 8 e 9 nos falam da vitalidade da ressurreição.

Na Bíblia, os montes e os outeiros se referem às dificuldades e aos obstáculos. “Ei-lo aí galgando os montes, pulando sobre os outeiros”. Isso significa que nada pode detê-lo, por mais alto ou grande que seja. O Senhor é o Senhor da ressurreição. Cristo ressuscitou. Ele venceu todas as dificuldades e todas as barreiras, as quais são coisas de ontem. Ele vive no dia seguinte. Todas as dificuldades estão debaixo dos seus pés. Ao pular, todas as barreiras ficam para trás.

Nesta seção, o Senhor manifesta o poder de sua ressurreição e fala para a donzela de uma forma viva. Ela ainda não tinha experimentado tais coisas no capítulo anterior. Ela tinha já corrido, mas não sabia o que significava pular sobre os outeiros e galgar os montes. O Senhor a chama para ensiná-la essa lição.

Devido a que ela já tem um relacionamento íntimo com ele, fica fácil reconhecer sua voz. Mas há um problema óbvio. Existe uma parede entre ela e o Senhor. A parede a rodeia e deixa o Senhor pelo lado de fora. Mesmo assim ela não vê nada de errado na existência de tal parede. Portanto, ela não diz minha parede, senão nossa parede, dando a entender que a parede pertence tanto a ela como ao Senhor.

Inclusive, ela tem a intenção de que essa parede continue rodeando a ambos e a mantenha fora do mundo e de tudo mais. Assim ela poderia ter comunhão com o Senhor, descansar nele e viver feliz cercada por essa parede. Ela poderia encontrar ao Senhor em seu coração em todo momento, esquecendo-se das circunstâncias, das pessoas, dos irmãos e das irmãs, dos deveres cotidianos e das muitas provas.

Ela poderia voltar seu ser interior ao Senhor e se esquecer do mundo.

Ela conhece apenas a doçura da comunhão, mas desconhece o poder da obra e a ferocidade da guerra. O único pensamento que surge é o de fazer três tendas no monte, esquecendo a multidão de pecadores que está lá embaixo.

Os demônios podem estar com os pecadores no vale, mas, lá em cima, no monte, o Senhor leva aos pecadores em seu coração. Talvez seja verdade que ela tenha a presença do Senhor, mas a vida que se experimenta nas tendas priva aos pecadores da experiência de serem libertos dos demônios.

Em outras palavras, ela se volta constantemente para seu interior a fim de buscar o gozo da presença do Senhor. Essa é a sua parede e é o perigo que os crentes enfrentam depois que se dão conta que Cristo vive neles. Desde o ponto de vista espiritual, isso não quer dizer que o Senhor possa sair de nosso coração.

Estar atrás da parede significa duas coisas: em primeiro lugar, indica que o Senhor está de pé e não sentado. Anteriormente, ele estava sentado à mesa. Agora está pronto para mover-se. A pessoa se põe de pé antes de se mover. Assim como ao sentar nos dispomos para descansar, ao nos colocarmos de pé nos dispomos para agir.

Em segundo lugar, indica que o Senhor está do lado de fora. O poder da ressurreição pode galgar os montes e pular sobre os outeiros.

Em consequência, não devemos mantê-lo detrás da parede. A donzela necessita aprender a permitir que o Senhor a ajude a sair. Ela não deve tratar de reter ao Senhor com sua própria força, senão que deve deixar que o Senhor a leve adiante. Deve confiar na palavra do Senhor e segui-lo usando sua fé para galgar os montes e pular sobre os outeiros. Ela precisa aprender a viver com alguma coisa a mais que o sentimento da presença do Senhor.

Damos graças ao Senhor porque, apesar do fato de que o homem pode erguer uma parede, Deus pode fazer janelas nessa parede. Se não há janelas grandes, haverá pelo menos algumas grades pequenas.

Deus sempre pode encontrar uma maneira de iluminar o coração daqueles que se consagram a Ele. Essa parede é a parede de nossa introspecção, a qual impede que vejamos ao Senhor. Mas Deus tem colocado janelas e grades para que possamos ver através delas.

Essa parede indica um intento para manter ao Senhor preso. Quando

isso acontece, o mundo fica excluído. O Senhor trata de liberar à donzela de tal condição.

Ele a ensina para que ela possa se dar conta de que sua presença pode ser achada em qualquer circunstância. Não é necessário busca-lo somente dentro dela. Ela precisa aprender a conhecer a Cristo mais nas circunstâncias que no interior dela. O Senhor é onipresente.

Andrew Murray, certa vez, disse que devemos sentir a presença do Senhor não apenas em nossa oração, senão também em nosso trabalho. Que faz o Senhor fora de nossa parede? Ele está de pé esperando poder atuar. Porém, uma pessoa que constantemente se contempla a si mesma e que se concentra em seu próprio gozo não consegue entender nada nem ainda depois de saber o que o Senhor deseja. Ainda que consiga escutar a voz do Senhor, todavia, não pode entende-la. O Senhor tem que falar mais de uma vez a fim de que a pessoa possa entender claramente.

B – As riquezas da ressurreição: 2:10-13. O versículo 10 diz: “O meu amado fala e me diz: levanta-te, querida minha, formosa minha, e vem”.

O Senhor fala muito claramente aqui. Ele quer que a donzela se levante e vá. Isso não significa que seja mal ter experiências pessoais. Se isso estivesse errado, o Senhor não as teria dado; mas, se ela continua dessa maneira, não conseguirá se relacionar com o mundo exterior. Por enquanto, quando ela toca o mundo exterior, perde a paz.

De modo que ela tem que buscar a presença do Senhor, que é quem galga os montes e pula sobre os outeiros.

A senhora Guyon disse que antes a presença do Senhor era assunto de tempo e lugar, mas, agora, não é mais.

Quando possamos confiar que a presença do Senhor sempre está em nós, não seremos enganados por nossos sentimentos.

O versículo 11 diz: “Porque eis que passou o inverno, cessou a chuva e se foi”. Já que o Senhor a chama para ir com ele, ele fala para ela de suas experiências passadas e dos acontecimentos presentes.

O inverno é um período de frio, seca, carência de crescimento e provas. Durante a primeira parte da experiência dela, o Senhor a fez passar por essas

coisas. Parece que o Senhor claramente a tirou de todas as provas, de toda a frieza, de toda a sequidão e da morte aparente.

O Senhor com sua inegável presença tem afastado o inverno sem que ela se dê conta. A chuva não é a chuva da primavera, senão a chuva do inverno. É a chuva que se congela e se converte em neve. A chuva do inverno mantém ao homem dentro de casa e lhe impede de trabalhar. Assim que a chuva se relaciona com as provas (Gênesis 6:7; Mateus 7:25-27). O Senhor nos diz que muitas provas ficam para trás, como resultado de sua presença.

A passagem da chuva do inverno indica duas coisas: uma, as cruzes atuais, isto é, as provas já passaram e segunda, a cruz do Senhor já passou, ou seja, que a obra da cruz se completou. Portanto, não devemos permanecer constantemente em sua morte.

Os versículos 12 e 13 dizem: “aparecem as flores na terra, chegou o tempo de cantarem as aves, e a voz da rola ouve-se em nossa terra. A figueira começou a dar seus figos, e as vides em flor exalam o seu aroma; levanta-te, querida minha, formosa minha, e vem”.

O Senhor quer que agora nos firmemos sobre a base da ressurreição. Depois da estação da morte, vem a primavera, que é a estação da ressurreição.

Esses versículos nos dizem que devemos entender nossa posição na ressurreição. Ambos os versículos descrevem dita condição e falam da primavera depois do inverno. Se se menciona a primavera sem se fazer referência ao inverno, se dá a entender que só há vida e não ressurreição. Mas quando se menciona a primavera depois do inverno, a ressurreição fica implícita.

O Senhor mostra para ela todas as coisas que há na ressurreição para que ela não preste atenção ao inverno morto, frio, seco e murcho. As flores significam adorno e beleza e os pássaros denotam o som do canto. As flores brotam na terra e os pássaros cantam no ar. As flores denotam arte e os pássaros música.

Segundo Mateus 6, tanto as flores como os pássaros estão debaixo do cuidado especial de Deus. Deus lhes cuida tanto que podem cantar e mostrar sua beleza. A voz da rola pode ser o som do louvor. Também pode ser um

chamado de amor.

A figueira começou a dar seus figos. Esses figos são produzidos no inverno. Isso significa que o fruto permanece ainda depois de passar pela morte. Esse fruto passou pela cruz. Foi provado e permanece. As vides em flor exalam o seu aroma. As vides em flor significa que isso está ocorrendo no tempo presente. Isso significa que há muita esperança de que as vides deem fruto. Esse fruto é certo. Ninguém vê uma vide cheia de flores, porque antes que as flores possam aparecer elas se convertem em fruto. Alguns brotos não chegam a ser fruto, mas quando a vide floresce, sem dúvida, dá fruto. Essa é a posição da ressurreição. Tudo o que está morto já passou e o futuro está cheio de esperança.

O Senhor usa as riquezas da ressurreição para persuadir à donzela a seguir adiante. Ela não deve se deter na contemplação de seu próprio sentimento de felicidade. Deve experimentar o poder da ressurreição. Não é tempo de estar passiva senão de ser ativa, de seguir adiante e de mostrar a vida do Senhor ao mundo.

C – O chamado para tomar a cruz: 2:14. O versículo 14 diz: “Pomba minha, que andas pelas fendas dos penhascos, no esconderijo das rochas escarpadas, mostra-me o teu rosto, faze-me ouvir a tua voz, porque a tua voz é doce, e o teu rosto amável”.

Anteriormente, a donzela foi descrita como aquela que tem olhos de pomba. Agora, ela é considerada como a pomba mesmo. O Senhor a chama conforme a posição que ela vai alcançando.

Assim, se ela se esconde nas fendas dos penhascos, nas rochas escarpadas, é porque, verdadeiramente, está vivendo no espírito. Por isso que o Senhor faz para ela esse chamado. Todos estão de acordo que as fendas dos penhascos denotam a cruz.

Mas ela ainda não entendeu claramente o significado da cruz. O Senhor lhe fala novamente em poesia. Ele lhe diz que o poder e as riquezas da ressurreição que foram descritas, devem ser vividas por um modelo. Primeiro, vem o poder da ressurreição, depois a conformação à sua morte.

Filipenses 3:10 concorda com Cantares 2:8-14. Essa cruz é subjetiva e experimental. O Senhor diz: “mostra-me o teu rosto, faze-me ouvir a tua

voz”.

Nosso rosto e nossa voz não são encontrados em nenhum outro lugar; são encontrados apenas ali, na cruz.

Esse é o resultado da conformação produzida pela cruz. A cruz traz satisfação ao Senhor.

Na primeira seção vemos a consagração. O desejo de seguir ao Senhor e de carregar a cruz. Agora, Ele quer selar a experiência da cruz naquela que o busca. O rosto é visto e a voz é escutada. Tanto o rosto, como a voz, devem ser achados nas fendas dos penhascos, no esconderijo das rochas escarpadas. A ênfase aqui está na nossa identificação com a cruz. A cruz de Cristo veio para ser a cruz dela. Eis aqui uma verdade muito importante. Precisamos experimentar uma vida que toma a cruz. Devemos passar pela cruz de tal maneira que a cruz de Cristo chegue ser nossa, para que os demais possam ver e escutar de nós apenas aquilo que é a cruz de Cristo.

Precisamos primeiro conhecer sua ressurreição. Somente aquele que passa pela cruz pode estar na ressurreição. O Senhor disse que todas as experiências daquela que o buscava eram boas, mas eram superficiais. Ela ainda não se deu conta do peso da cruz, daquilo que a consagração implica e do que significa uma promessa. Por conseguinte, ela deve permanecer nas fendas dos penhascos e no esconderijo das rochas escarpadas.

“Porque a tua voz é doce, e o teu rosto amável”. A voz denota oração e também louvor (Malaquias 3:16).

Na primeira seção, a maioria das descrições tem a ver com os desejos e a busca da donzela. Ela desejava ao rei. Essa é a razão pela qual o rei só menciona a seus olhos e os compara com os da pomba. Muitos louvores são dirigidos ao rei, mas a primeira seção revela tudo o que o rei é para a donzela.

Não obstante, devemos nos dar conta de que o rei é o centro e ela deve viver para ele. Assim como a donzela é o centro da primeira seção, o rei é o centro na segunda. A donzela está relacionada com o rei. Sua função é satisfazer ao rei. Ela já ganhou o rei e isso a deixa satisfeita.

Mas, agora, esse não é o momento para que a donzela deseje ao rei ou o aprecie, senão para que o rei a aprecie e a deseje.

Anteriormente era Cristo para mim; agora, sou eu para Cristo. O Senhor começa a lhe pedir o fruto dos sofrimentos da sua alma para que seu próprio coração seja satisfeito.

Ele insinua que ela deve viver para ele e a chama para as fendas dos penhascos, para o esconderijo das rochas escarpadas, para que ele possa vê-la ali. O Senhor a chama para levantar-se, para sair de si mesma, de seus sentimentos e de sua contemplação de si mesma. Ele a chama para experimentar a cruz e a expressar a nova criação sem mancha, que é produzida pela cruz mediante o poder da ressurreição.

Esse não é o momento para estar na casa do vinho. É hora de viver para o Senhor. Ela deve se levantar e mudar o centro da vida.

A partir desse momento, todos os que buscam o Senhor devem experimentar a cruz aqui na terra mediante o poder da ressurreição, a fim de trazer satisfação ao Senhor. Eles não devem ter nenhum outro interesse. Em outras palavras, a vida cristã já não é um assunto de deleite pessoal, senão de deleite que Cristo encontra naqueles que lhe pertencem.

“Porque a tua voz é doce, e o teu rosto amável”. Isso não se refere à doçura nem à formosura naturais de sua voz nem de seu rosto, senão que descreve a doçura e beleza que ela tem quando permanece nas fendas dos penhascos e no esconderijo das rochas escarpadas.

É assim como ela é vista nos lugares altos, quando permanece na morte da cruz. As rochas têm fendas e se esconder nelas implica numa união. O esconderijo das rochas escarpadas indica estar completamente cercado e, por isso, dá a noção de consumação. As fendas dos penhascos e o esconderijo das rochas escarpadas fazem referência a uma união completa. As fendas dos penhascos e o esconderijo das rochas escarpadas deve se referir ao lugar de ascensão, um lugar aonde o homem natural não pode chegar (Colossenses 3:3,4).

Alguns têm traduzido o termo rochas escarpadas (íngremes) como lugares inalcançáveis. Isso nos mostra novamente que essa palavra se refere à ascensão, um lugar ao qual o homem não pode chegar. Uma rocha escarpada é um precipício alto e empinado, um lugar que uma pessoa comum não pode alcançar. Só se pode chegar a esses lugares escalando-os. Isso é diferente de

sentar-nos nos lugares celestiais, que estão descritos em Efésios 2. Aqui a ênfase está na experiência. Sempre que o Senhor exige alguma coisa Ele se baseia numa vida que experimenta a cruz e a ressurreição.

O Senhor pode dizer que a voz da donzela é doce e seu rosto é amável porque ela está unida completamente à cruz. Isso significa que a cruz a quebrantou e a livrou do pecado e dos elementos naturais. Todos os pecados e os elementos naturais provenientes de Adão foram eliminados e permanece somente aquilo que está em ressurreição e na nova criação.

Nas fendas dos penhascos e no esconderijo das rochas escarpadas encontramos a voz doce e o rosto amável. Somos quebrantados diariamente pela cruz e ao mesmo tempo renunciamos aos elementos de Adão. Não necessitamos nos esforçar para estarmos na vida de ressurreição, mas, sim, necessitamos perder a vida que herdamos de Adão. Temos tudo que provém da vida de ressurreição, mas, ao mesmo tempo, temos ainda muitas coisas que pertencem a Adão, de modo que agora o assunto não é o quanto ganhamos, senão o quanto perdemos.

O Senhor não pode declarar imediatamente que a voz daquela que o busca é doce e seu aspecto é amável. Ele só pode dizer isso depois que ela entra nas fendas dos penhascos e no esconderijo das rochas escarpadas. Ele dirá essas palavras somente quando as coisas externas tenham sido eliminadas. O fato já se havia realizado, mas ele não pode pronunciar essas palavras até que ela tenha passado pela experiência da cruz. Por conseguinte, a cruz é o lugar onde perdemos e somente ali podemos nos desfazer das coisas. Pregamos a ressurreição aos pecadores porque eles necessitam vida e pregamos a cruz aos crentes porque eles necessitam sofrer perdas.

D – A eliminação dos obstáculos: 2:15. O versículo 15 diz: “Apanhai-me as raposas, as raposinhas, que devastam os vinhedos, porque as nossas vinhas estão em flor”.

Se essas palavras são expressadas pelo amado, são a continuação de 2:13, onde lemos: “as vides em flor exalam o seu aroma”.

A primeira pessoa no plural usada nesse versículo é a mesma de 2:12.

“Apanhai-me as raposas” está no modo imperativo.

As raposas adultas sempre levam o fruto, enquanto que as raposinhas

quebram os ramos cada vez que podem. As raposas grandes só buscam o fruto e, mesmo assim, permanece a possibilidade de que as vides deem fruto. Porém, as raposinhas tornam impossível que a vide frutifique.

Se não prestamos atenção aos assuntos de uma vida que experimenta a cruz antes da ressurreição e à experiência da ascensão depois da ressurreição tudo será prejudicado pelas raposinhas.

As vides em flor exalam o seu aroma (versículo 13). Esse é o tempo somente de florescer e exalar o aroma. Isso significa que o estado de perfeição ainda não foi alcançado. A manifestação da ressurreição e a experiência da ascensão estão começando. Se não somos cuidadosos, as raposas podem vir e prejudicar.

Que são as raposinhas? São pequenas manifestações, hábitos e contemplações da vida antiga. É possível que não sejam pecados grandes, mas uma pequena loucura pode prejudicar àquele que é considerado como sábio e honrado (Eclesiastes 10:1). As raposinhas se escondem detrás das vides. Se não temos cuidado, as vides serão destruídas. As raposinhas são coisas que impedem que uma pessoa dê o primeiro passo para experimentar aquilo que é subjetivo e não permitem que as vides frutifiquem. Se a vida de ressurreição não está bem estabelecida, é necessário se guardar das raposinhas. A donzela não pode resolver os problemas pequenos, as raposinhas, por sua própria conta. Tampouco podem ser resolvidos apenas pelo rei. Precisam ser eliminados com a cooperação da donzela e do rei.

E – Fracasso e recuperação: 2:16 – 3:5. O versículo 16 diz: “O meu amado é meu, e eu sou dele; ele apascenta o seu rebanho entre os lírios”.

Depois que a donzela vê a atitude do rei, escuta seu chamado e compreende o significado de uma união completa, responde dessa maneira. Ela passa a examinar aquilo que tem experimentado. Uma coisa satisfez ao seu coração, que é o fato que o seu amado é dela. Ela já compreende que o seu amado é dela e também compreende que ela pertence ao seu amado, mas isso não é o que ela busca. Ela examina sua experiência passada. Ela é o centro. Em 6:3 o rei é o centro, ainda que ela também faça referência a ela mesma. Em 7:10 o rei é o centro e ela se esqueceu de si mesma.

O que ela disse não está errado, mas não responde a pergunta do rei.

Que decepcionante é essa resposta. Não estamos dizendo se a resposta é boa ou má. Só nos perguntamos se ela escutou aquilo que o amado disse.

Uma vez que ela se consagra ao Senhor, ainda não sabe o que deve ser para ele, mas recorda quanto significa seu amado para ela. Ela ainda é o centro e não se dá conta de que ele deve ser o centro. Todavia, ela ainda tem a ideia de que pertence ao seu amado. Ele apascenta o seu rebanho entre os lírios. Ainda que aqui se refira à obra, a ênfase não é dada à maneira em que o Senhor trata ao rebanho, senão à relação que existe entre o Senhor e os lírios. Os lírios são os que têm uma consciência pura. São plantados pelo Senhor mesmo e são obra dele. No título do salmo 45 aparecem as palavras sobre os lírios. O Senhor apascenta o rebanho entre um grupo de pessoas. Isso dá a entender que nós somos os lírios e que ele nos apascenta. Enquanto tenhamos ao Senhor, estamos satisfeitos. Aqui a donzela presta atenção ao que ele é para ela. Todavia, suas palavras não respondem à pergunta que o Senhor lhe faz. Por conseguinte, não satisfazem ao Senhor.

O versículo 17 diz: “Antes que refresque o dia, e fujam as sombras, volta, amado meu; faze-te semelhante ao gamo ou ao filho das gazelas sobre os montes escabrosos”.

Montes escabrosos significam montes de separação. Ao dizer isso, ela reconhece a existência das sombras. De uma maneira dissimulada, ela admite que não pode satisfazer o coração do Senhor. Ela sabe que não tem estado totalmente unida a ele e reconhece a importância do chamado para experimentar a cruz, a exigência de viver em ascensão e a expressão da ressurreição. Mas também está consciente de sua própria incapacidade com respeito a esses assuntos. Assim que pede ao Senhor que espere até que fujam as sombras. Ela espera até que nasça o dia e anela ver aquele dia quando as sombras fugirão. Ela suplica para que seu amado regresse.

A palavra “volta” mostra, por um lado, sua incapacidade de escutar o chamado do seu amado e de se levantar para lhe seguir e, por outro, seu desejo da presença do amado. Quando combinamos esses dois aspectos, vemos que ela deseja que seu amado a acompanhe, mas ela deseja que ele esteja com ela debaixo das condições dela, atrás da parede. Ela continua encerrada em si mesma, concentrada em seus próprios sentimentos. Ela quer apenas desfrutar a presença dele segundo seu próprio sentimento. Não tem a

presença que galga os montes e pula sobre os outeiros.

Quer dizer, ela busca o deleite em suas emoções e está vacilante para participar em atividade alguma que esteja na ressurreição. Em outras palavras, ela não aprendeu a lição e não pode seguir ao Senhor por todas as partes nem em qualquer circunstância com uma fé simples. Mesmo assim, ela recebe uma grande revelação. Ela não está junto ao Senhor em todas as partes. Antes, ela guardava a presença do Senhor dentro de si e em seus próprios sentimentos. Esse era o único lugar onde ela podia encontrar sua presença. Ela pensava que experimentar a presença desse modo era o mais elevado e que não havia outra maneira de experimentar sua presença. Mas ela não aprendeu a estar com o Senhor em seus deveres quotidianos, com sua família nem no mundo galgando os montes e pulando sobre os outeiros. Ela não sabia que se podia ter tal experiência, mas fica sabendo ao receber essa revelação.

Anteriormente, ela só tinha uma classe de presença, a presença que encontrava dentro de si. Não havia adquirido nenhuma outra experiência. Ela não tinha a força para tocar a presença onipresente. Ela não tinha aprendido a lição de estimar esta presença que tudo transcende. Não só era muito débil para adquirir tal experiência, senão também para desejá-la. Sabia que não podia seguir ao Senhor. Assim que não perguntou como poderia fazê-lo. Não viu o sofrimento dos montes escabrosos, de modo que, tranquilamente, pediu ao Senhor que voltasse com rapidez. Ela sabia que não podia ir ao lugar onde o Senhor estava, mas não sabia quanto perdia por não ir com o Senhor.

Pensava que podia ser satisfeita com uma presença que podia manter detrás da parede. Não se havia dado conta que havia uma perda por não seguir ao Senhor. Por conseguinte, pediu ao Senhor que voltasse tão rápido como um gamo ou ao filho das gazelas sobre os montes escabrosos.

Ela não pediu ao Senhor que lhe desse força para sair dos montes escabrosos, os obstáculos que fazem separação. Para ela, os montes escabrosos poderiam permanecer. Mas ela descobre, para sua surpresa, que o sentimento da presença do Senhor se vai quando ele se afasta exteriormente. O Senhor não a deixou, mas ela sente interiormente que ele a abandonou. O Senhor a treina tirando dela os sentimentos acerca de sua presença quando ela não pode experimentar sua presença nas circunstâncias mundanas.

Não sabemos quanto pode durar o período descrito em 2:17, mas, se não podemos experimentar sua presença em nosso meio ambiente, não poderemos experimentar sua presença em nossos sentimentos. Se não temos a presença de Cristo por fé, não poderemos tê-la em nossos sentimentos.

Muitos cristãos não entendem porque não sentem a presença íntima do Senhor depois de disfrutar dela por um tempo e não entendem porque não podem recuperar aquele sentir.

Quando o Senhor não obtém o que quer, tampouco você pode obter o que quer. Se alguém não recebe a graça renovada do Senhor, se dará conta que perdeu a graça que tinha. Você pode pensar que vive 1:13, mas, na realidade, foi arrastado para a experiência de 3:1. Tanto 1:13 como 3:1 têm a noção da noite. Ela pensa que pode abraçar ao Senhor entre seus peitos toda a noite, assim como havia feito antes. Não se dá conta que o Senhor se afastou na noite.

Devido ao fato que ela valoriza a presença do Senhor, a qual percebe apenas com seus sentimentos, decide se esconder atrás da parede para poder manter seus sentimentos. Prefere não sair ao mundo e deixar que o Senhor se encarregue de sua própria obra e interesses.

Ela permite que sua união com o Senhor se debilite e seja incompleta e deixa que ele atue independentemente dela. O Senhor, então, tira dela os sentimentos que ela tanto estima para que ela não sinta sua presença, ainda que na verdade ele está ali. O Senhor faz isso para que ela o busque nas coisas exteriores. Essa é a primeira vez que a donzela é obrigada a sair de si mesma.